

7.05.00.00-2 HISTÓRIA
7.00.00.00-00 CIÊNCIAS SOCIAIS

CONDIÇÃO E RESISTÊNCIA DAS MULHERES EM MOÇAMBIQUE: SER MULHER MOÇAMBICANA A PARTIR DA ESCRITA DE PAULINA CHIZIANE

RENATA M. T. DOS SANTOS FRANCISCO
Curso de História – Faculdade de Ciências Sociais

AMAILTON MAGNO AZEVEDO
Departamento de História – Faculdade de Ciências Sociais

RESUMO: A PRINCIPAL QUESTÃO ANALISADA NA OBRA ESCRITA POR PAULINA CHIZIANE, *NIKETCHE: UMA HISTÓRIA DE POLIGAMIA* (2004) REMETE À CONDIÇÃO E À RESISTÊNCIA DAS MULHERES MOÇAMBICANAS. O OBJETIVO FOI DESCONSTRUIR A IDEIA DE QUE AS MULHERES INSERIDAS NAS CULTURAS LOCAIS DE MOÇAMBIQUE ESTÃO FADADAS À SUBMISSÃO. COM ISSO, PODEMOS PERCEBER QUAIS AS FORMAS DE RESISTIR AO PODER MASCULINO DE MODO SUTIL, O QUE REVELA UM EMBATE POLÍTICO NEM SEMPRE DIRETO.

Palavras-Chave: Mulher, Condição, Resistência.

Introdução

O objetivo dessa pesquisa é pensar a construção do ser mulher em Moçambique, partindo da leitura do romance *Niketcche: uma história de poligamia*, da autora moçambicana Paulina Chiziane. Para isso, desenvolvemos uma discussão baseada na protagonista do romance, com o intuito de perceber uma possível proximidade dialógica entre a arte literária e a realidade da mulher moçambicana. Dividimos a pesquisa em capítulos que nos propiciam uma base teórica para chegarmos a uma suposta conclusão no que diz respeito às problemáticas levantadas no projeto.

1. Desenvolvimento

Dos autores moçambicanos

No primeiro capítulo, discorreremos sobre a História e Literatura em Moçambique. Explorando alguns autores e suas características segundo o contexto histórico do país, com base no levantamento historiográfico sobre a História e Literatura moçambicana, identificamos que os escritores evidenciam em sua escrita a essência do ser africano

e, de certa maneira, abrem um diálogo com o negro, tanto na África quanto na diáspora. Assim percebemos uma africanidade na escrita literária de autores como Noemia de Souza, José Craveirinha, Mia Couto e Paulina Chiziane. Cada um, com a sua particularidade, escreveu sobre os mais variados assuntos, envolvendo as mais diversas questões do país, sempre deixando evidente quem nos fala.

Noemia de Souza e José Craveirinha viveram em um contexto de luta pela independência de Moçambique. Assim, como militantes, seus poemas e romances estão completamente conectados ao momento em que se encontrava o povo moçambicano antes de serem independentes de Portugal. Com uma escrita caracterizada como denúncia e convite, tanto Noemia de Souza quanto José Craveirinha foram figuras fundamentais entre os militantes intelectuais atuantes na luta pela independência de seu país.

Já Mia Couto e Paulina Chiziane vivem em um contexto de guerra e pós-guerra civil. Em ambos os contextos sociais há uma interferência que caracteriza a escrita de cada um desses autores. Couto dialoga com as inúmeras situações trazidas tanto pela colonização quanto pelas guerras às quais está inserido o povo moçambicano. O perfil e escrita de Chiziane serão explorados no segundo capítulo, a fim de entendermos um pouco mais o seu estilo literário. A autora reconstrói a memória de sua infância até o momento em que decide escrever como forma de desabafo ao silenciamento imposto à mulher e, ainda, como contribuição para uma literatura feminina em Moçambique.

Nascida em Manjacaze e de etnia Tsonga, Paulina Chiziane é oriunda de uma família monogâmica, fato que lhe insere em um contexto diferente do vivido pelas demais estruturas familiares, em que se aceita mais de uma esposa. Embora sua estrutura familiar tenha sido diferente das outras, a autora, junto com seus sete irmãos, educou-se por meio de histórias contadas por sua avó em volta da fogueira, e é através destas histórias que Chiziane pôde absorver muito da cultura local. Mais adiante, viria a somar este aprendizado oral ao letramento, para assim compor sua forma única de retratar toda uma cultura.

A autora teve seus primeiros contatos com os livros através da literatura marginal. Após ser impedida por toda a sociedade de realizar o sonho de ser pintora, ela se aproximou da escrita, mas sem perder sua referência e influência oral banto familiar.

Do livro *Niketch: uma história de poligamia*

Feita a leitura do livro de Paulina Chiziane, inicia-se uma reflexão sobre a seguinte questão: haveria uma relação entre poligamia e emancipação?

Grita não à monogamia, esse sistema desumano que marginaliza uma parte das mulheres, privilegiando outras, que dá tecto, amor e pertença a umas das crianças, rejeitando outras, que pulam pelas ruas. Grita não contra o novo costume de ter uma esposa à luz e várias concubinas, com filhos escondidos. (2004:123)

Rami, protagonista do romance, é casada com Tony, chefe de polícia. Eles estão inseridos em uma instituição familiar oficialmente monogâmica. Seu casamento foi preparado e realizado nos moldes do sul de Moçambique. Os dogmas do cristianismo coexistem com os costumes locais, principalmente no sul do país, onde o contato com o colonizador foi mais visceral. É nesse contexto híbrido que o casal foi educado e sua relação sacramentada.

Esse hibridismo revela estar envolto em uma dicotomia resultante da diáspora sofrida por seus antepassados, do pós-colonialismo, da pós-independência e do pós-guerra civil. Essa dinâmica dicotômica impõe limites aos discursos “tradicionalistas” e até mesmo aos discursos progressistas, que negam os costumes locais. É pensando um pouco na persistência e na mistura dessas culturas que pretendemos discorrer sobre a poligamia em *Niketch: uma história de poligamia*.

Tony, marido de Rami, trabalha como chefe de polícia há vinte anos. Após todos esses anos, Rami se vê parcialmente abandonada pelo seu cônjuge, que se ausenta da relação durante semanas, alegando compromissos no trabalho. Não suportando mais essa condição, a esposa começa a se questionar e decide colocar um ponto final em tal situação, dividindo a solução em dois pontos distintos: primeiro, busca uma conversa interior, um repensar sobre seu lugar enquanto mulher e enquanto esposa; em segundo lugar, Rami resolve partir para a luta, ao se concentrar nas ações que a levará a superar sua condição.

Nesse processo de mudança, ela se dispôs a dialogar com seu interior como nunca havia feito, e seus diálogos com o espelho lhe cobram mudanças reais. Decidida a reconquistar o marido, Rami vai em busca de tudo que é possível para

reconquistá-lo e age segundo aquilo que acredita estar ao seu alcance para ter o amor de Tony e afastar suas “rivais”.

Após inúmeras tentativas frustradas, a protagonista começa a repensar a possibilidade de “aceitar” viver um casamento poligâmico, então decide procurar sua tia Maria, que aos dez anos se tornou a vigésima esposa de um rei. Em um diálogo típico da cultura local, em que o mais velho tenta ensinar o mais novo valendo-se de suas experiências passadas, tia Maria mostra à sobrinha que o casamento poligâmico não é construído só por brigas, intrigas ou infelicidade, como Rami acredita.

Eram famílias verdadeiras, onde havia democracia social. Cada mulher tinha sua casa, seus filhos e suas propriedades. Tínhamos nosso órgão – assembléia das esposas do rei –, onde discutíamos a divisão de trabalho, decidíamos quem ia preparar os banhos e esfregar os pés, cortar as unhas, massagear a coluna, aparar a barba, pentear os cabelos e outros cuidados. Participávamos na feitura da escala matrimonial de sua majestade, que consistia numa noite para cada uma, mas tudo igual, igualzinho. E ele cumpria à risca. Ele tinha que dar um exemplo de Estado, um bom modelo de família. Se o rei cometesse a imprudência de dar primazia a uma mulher em especial, tinha que suportar as reuniões de crítica dos conselheiros anciões (...) Noto muito orgulho e muita vaidade no tom de sua voz. (...) as damas não passavam carências de espécie alguma. Nem afetiva. (2004:71)

As declarações da tia quebram alguns estereótipos consagrados ao longo dos séculos, sobretudo entre as mulheres que teoricamente vivem relações não poligâmicas. Com base nas reflexões feitas por Rami e sua tia Maria, entendemos que, na conjuntura do país, é possível dizer que a poligamia, em *Niketche*, é uma forma de emancipação dentro dessa sociedade. Esse sistema garante às mulheres moradia e sustento, tanto para elas como para seus filhos, colocando-os em circunstâncias em que são assistidos e têm suas necessidades atendidas.

Rami levou um tempo para conseguir rever seus conceitos, a ponto de conseguir introduzir a poligamia no seu cotidiano familiar. É inegável que ela e sua tia Maria vivem em momentos históricos completamente diferentes, o que transforma a vivência de cada uma em experiências particulares. Mas ambas utilizam a poligamia como forma de emancipação ao usar esta situação para mudar sua própria condição.

No último capítulo, discorreremos sobre Rami em sua relação conjugal – Resistências ou Subalternidade?

Analizamos os diversos mitos presentes em inúmeras culturas que “demonizam” a mulher para justificar sua posição de desigualdade em relação ao homem na sociedade. Citamos alguns exemplos. Começamos discorrendo sobre o cristianismo, com Jaques Durlan (1990:34) discorrendo sobre acontecimentos bíblicos em que as mulheres são culpabilizadas por todos os acontecimentos indesejáveis, o que justificaria o lugar de subalternidade vivido pelas cristãs. Em relação aos Yorubás, eles acusam as mulheres de abusar do poder que Ihe foi anteriormente concedido através de Iansã, razão pela qual Ogum repassou esses poderes aos homens. Entre os Bantos, grupo ao qual Rami pertence, relata Chiziane (1994:12) que não existe mito que amaldiçoe as mulheres, que as colocam em desvantagem comparativamente aos homens. O que há é uma questão hierárquica: como o homem nasceu primeiro, cabe à mulher a condição de subalternidade e obediência.

Os “mitos” são sobretudo uma forma de interpretar a realidade, cosmovisões que vêm guiando a humanidade, que é seu berço e subsiste até hoje, embora tenha perdido espaço para a filosofia e a ciência. Entre outras funções, a organização social está presente neles serve para legitimar as relações em um sistema complexo de proibições e permissões.

Já nas relações concretas vividas no cotidiano de Rami e Tony, essas crenças passam por reavaliações, pois Rami, que sempre procurou se ater aos papéis estabelecidos na ambigüidade de sua educação familiar, não encontra no marido o que se espera da relação conjugal. Tony é ausente e não dá a menor atenção à família. Rami se sente “naturalmente culpada”, considerando que não se comportou de acordo com as regras normativas impostas ao universo feminino. Cansada de tal situação, ela questiona a ausência do marido, conhece sua concubina, chora, sofre, até abrir um diálogo com o seu espelho, em que vive uma viagem que a mantém numa discussão entre o consciente e o inconsciente.

A protagonista procura, então, uma conselheira amorosa, a qual Ihe incita a refletir sobre as diferenças entre a cultura moçambicana e a europeia. Estimula Rami a questionar sua educação e seus valores, colocando em questão a necessidade de manter os ritos existentes, a reavaliar as práticas culturais do Norte, a repensar sobre o sexo e a sexualidade. A partir de então, a protagonista busca inúmeras alternativas para mudar sua condição: faz uma tatuagem secreta, entra numa congregação de um profeta

milagroso, batiza-se no Rio Jordão, usa cores santas durante seis meses e, além disso, permite-se dividir o amante com Luísa, a terceira esposa de Tony.

Assumir a poligamia coloca Rami em uma situação de comando e controle da situação em que vive, pois, assim, ela governa todas as mulheres, fiscalizando-as e as servindo no controle do marido, além de obter a segurança que havia perdido. O poder de primeira esposa em uma relação poligâmica deu a Rami a certeza de que ela era a mulher mais importante para o marido.

Na perspectiva ocidental, podemos entender que as características descritas acima não tiram a protagonista da condição de subalternidade. Mas, se nos abrimos para entender o contexto no qual ela está inserida, veremos que Rami desafiou tudo e todos para alcançar seu objetivo de reconquistar Tony.

1.1 Metodologia

Analisamos a obra *Niketche: uma história de poligamia*, tendo por objetivo encontrar formas de resistência nas alternativas encontradas pela protagonista, denominada Rami, revelando assim as vivências femininas em Moçambique. Utilizamos, em nossa bibliografia, textos que nos permitiram encontrar significados reais e históricos nos apontamentos feitos na obra e na pesquisa.

1.2 Resultados

Com base na bibliografia e na análise da obra utilizada durante a pesquisa, entendemos que a autora nos coloca em um lugar privilegiado, mediante uma escrita, comprometida com a humanidade e a realidade de homens e, sobretudo, de mulheres – ambos inseridos na dicotomia e na instabilidade cultural provocada pela colonização europeia e pelas ressignificações do povo moçambicano. A História e a literatura se encontram nos poemas e livros dos autores descritos nesta pesquisa, como nas obras de Paulina Chiziane, que levanta questões sobre o universo feminino, colocando-se como mulher, negra e moçambicana. Ela se assume como contadora de história e, ao negar o título de romancista, reafirma a oralidade e seu significado. Além disso, faz uso da escrita imposta pelo colonizador para manter viva uma tradição importante aos povos africanos – tradição esta que durante séculos foi negada e tida como algo menor pelo resto do mundo.

Em *Niketche*, Chiziane revela questões referentes não apenas ao universo feminino, mas também às complexidades configuradas pela relação entre africanos e europeus nos dias atuais. Questiona as dificuldades que as mulheres enfrentam nas diferentes culturas e as alternativas que elas encontram para se tornarem sujeitos de uma história. Rami nos apresenta elementos perturbadores no que se refere à repressão, sobretudo ao se encontrar com a conselheira amorosa. Ela também nos faz refletir sobre as formas e atitudes que deixam o poder de mudança na mão de nós mulheres, que não somos vítimas de um sistema, e sim sujeitos de nossa história.

Para o Ocidente, é possível enxergar a opção e a luta de Rami para ficar com seu esposo, Tony, numa forma de subalternidade. Mas, se pensarmos no contexto da protagonista, seu momento histórico moçambicano, veremos que ela renasceu, que lutou contra si mesma, e ainda como o africano ressignificou todo o seu conhecimento.

Referências

AFONSO, Ana Elisa de Santana (coord.) **Eu mulher em Moçambique**. Moçambique: Comissão Nacional para a Unesco em Moçambique (CNUM) e Associação dos Escritores Moçambicanos (Aemo), 1992.

APPIAH, Kwamw Anthony. **Na casa de meu pai: a África na filosofia da cultura**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BHABHA, Homi Homik. **O local da cultura**. Belo Horizonte: UFMG, 2001.

Cesario, Irinéia Lina. **Niketche: a dança da recriação do amor poligâmico**. Programa de Estudos Pós-Graduados em Literatura Crítica e Literária São Paulo: Pontifícia Universidade Católica – PUC, 2008.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche: uma história de poligamia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. [1994 , 333p. junho de 1994, Republica de Moçambique]

COSTA, Renata Jesus. **Subjetividades femininas: mulheres negras sob o olhar de Carolina Maria de Jesus, Maria Conceição Evaristo e Paulina Chiziane**. São Paulo, 2007. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC, 2007.

LOPES, José de Sousa Miguel. **Cultura acústica e letramento em Moçambique: em busca de fundamentos antropológicos para uma educação intercultural**. São Paulo: Educ, 2004.